

Catálogo da exposição:

**IMPERIALISMO
OCIDENTAL NA
ÁFRICA E NA ÁSIA.
SÉCULOS XIX E XX**

17 de julho a 18 de outubro

Sala de Consulentes NDPH
CLCH / UEL

INTRODUÇÃO

A exposição *Imperialismo ocidental na África e na Ásia* é composta por imagens (mapas, charges, fotos e pinturas) reunidas pelos estudantes do 4º Ano Matutino de História como trabalho de avaliação para a disciplina de História Contemporânea, no segundo semestre de 2023. A partir dos trabalhos finais montamos uma composição temática para esta exposição e este catálogo, no qual o visitante encontrará dados mais sistematizados sobre cada imagem.

Assim, esta exposição foi dividida em três partes:

- **A pedagogia do império**, isto é, como as potências colonialistas buscaram, não apenas justificar, mas legitimar sua expansão e seu domínio sobre a África e a Ásia através de mapas, jogos e materiais didáticos,
- **A fome e a peste**, tematizando as grandes fomes na Índia e
- **A guerra**, isto é, as guerras de conquista, mas também as lutas anticoloniais e a repressão que sobre elas recaiu.

Coordenação Geral

José Miguel Arias Neto

Curadoria

Matheus da Rosa Torres

Comissão Organizadora

Laureci Silvana Cardoso

Reinaldo Santos Gabriel

Victor Paiva Matos

Luana Louise Pimentel

Comissão de Apoio e produção textual

Alunos do 3º ano do curso de História da UEL 2023/02

Anna Carolina Sloma Mussa	Luca Fávaro Segré
Beatriz Maciel de Souza	Luciane Terumi Matsuoka
Gabriele Turino Mafort	Marcos Eduardo Ferrari de Marques
Giuliana Gennari Pinese	Maria Eduarda Alves Ranuci
Gustavo Lima Barbosa	Mariana Pires Alarcon
Helena Karine Ruy Juliano	Mariana Silva Calazans
João Pedro Pereira Correia	Matheus da Rosa Torres
João Vitor C. de Almeida Martins	Rafael Gimenez de Oliveira
João Vitor Vieira de Souza	Sara Correia
Joceli Inácio Modesto dos Santos	Solana Titiloyê Oliveira Rodrigues
Josué Godoy	Thales Theodoro Gomes
Júlia França Sales Vieira	Vitor Marroni Fortuna
Leonardo Felipe Moreira de Oliveira	Wictoria Amanda da Silva Jardins
Ligia Nogueira	

Esperamos que você, a partir das imagens aqui presentes, se sinta estimulado a desenvolver reflexões sobre o mundo contemporâneo.

A PEDAGOGIA DO IMPÉRIO

A influência psicológica de tais mapas só pode ser adivinhada, mas é impossível não acreditar que os elementos do todo – o mapa, as imagens, o conceito de império não se fundiram na mente inglesa numa imagem hipnótica do mundo e seu povo.

Peter Whitfield. The image of the world. San Francisco: Pomegranate Artbooks, 1994, p. 124.

The British Empire



Autor	Walter Crane
Local	Reino Unido
Publicação Original	Revista The Graphic
Data de publicação	1886

O mapa acima nos apresenta o poder imperial britânico no século XVIII. Centralizado, temos a deusa Britânia, emanando poder ao impor seu tridente, enquanto está sentada no globo terrestre. Ao redor, vemos os povos dessas

colônias conquistadas com os olhos voltados para a deusa. Na parte superior, notamos divindades segurando as frases "liberdade, fraternidade e federação", enquanto pombas representando a paz voam em volta delas. O mapa em si mostra em vermelho as colônias inglesas, em uma projeção aumentada do hemisfério norte.

Publicado pela revista *The Graphic*, o mapa encomendado pela rainha Vitória, captura essencialmente a geografia, arte e a política em uma imagem. O mapa constitui o poder imperial britânico do período, e isso pode ser notado pelo tipo de mapa utilizado, o de Mercator, no qual a proporção do hemisfério norte é aumentada e a do hemisfério sul é diminuída, além de ser um ótimo mapa para navegação ele vai demonstrar o quão "grande" é a Inglaterra.

Podemos ver os países em vermelho sendo as colônias da Inglaterra, e nos cantos do mapa podemos notar os povos desses países colonizados. O ilustrador vitoriano Walter Crane, utilizou influências das estampas japonesas e do *Art Nouveau* para a composição dos desenhos. Ele buscou retratar, de maneira estereotipada conforme as concepções eurocêntricas da época, as atividades do fazendeiro e do caçador, bem como a fauna, os frutos da terra e do mar, a beleza do "nobre selvagem" e os encantos do oriente.

No centro de tudo notamos a deusa Britânia, simbolizando a Inglaterra, ela está sentada no globo terrestre e segurando esse globo, está o Deus Atlas, que carrega o peso do mundo em suas costas e como a deusa está centralizada no mapa temos a projeção dela espalhando o seu domínio sobre o mundo, ela segura em sua mão o tridente de Netuno, simbolizando o poder sobre os mares, em sua cabeça veste o capacete da deusa Minerva, simbolizando inteligência em guerra. Apesar de todos esses pontos, o mapa desejava ressaltar a paz e o bom governo, que significava para os britânicos a colonização dos outros povos e não a guerra. O editor Sir John Colomb, especialista em assuntos imperiais e militares, faz esse aparato no mapa, as pombas na parte superior representam a paz, assim como as frases "liberdade, fraternidade e federação"; entretanto, seu domínio em terra e mar se garantia pelas forças armadas.

Les Colonies Françaises



Autor	George Daschner
Local	França
Publicação Original	Capa de caderno escolar
Data de publicação	1900

Na ilustração, Marianne, a figura central, simboliza a República Francesa, portando um ramo de oliveira na mão direita como símbolo de paz e uma coroa de louros na cabeça, representando vitória e prestígio. Segura um escudo com as cores da França, exibindo as palavras “Progresso, Civilização, Comércio”, e veste uma armadura para evocar paz e proteção. Ao seu lado, exploradores franceses avançam em direção a terras estrangeiras para estabelecer colônias, seguidos por outros barcos franceses. Os povos colonizados são retratados como pacíficos, com as mãos estendidas em gesto acolhedor, aguardando a chegada dos franceses. Suas vestimentas variam, incluindo chapéus de palha e túnicas, com alguns homens de origem africana também representados.

Publicada como uma capa de caderno escolar na França, a imagem teve como objetivo promover uma visão positiva das colônias. Além desta, diversas séries de capas de cadernos foram lançadas abordando o tema das colônias francesas. Algumas delas foram produzidas com o apoio do comitê Dupleix, estabelecido em 1893 e liderado por Gabriel Bonvalot. Bonvalot foi um aventureiro explorador originário da França, que dedicou-se à exploração das regiões da Ásia Central e do Tibete com o objetivo de promover a influência da França em escala global, por meio de suas expedições patrocinadas pelo governo francês. Entre 1893 e 1894, ele estabeleceu e dirigiu o Comitê Dupleix (posteriormente conhecido como Comitê Dupleix-Bonvalot nos anos 1930), do qual foi presidente até 1930. Esse comitê atuou até antes de 1914 promovendo a colonização e difundindo as ideias colonialistas de “civilização”. Essa forma de propaganda visava incentivar os franceses a irem para as colônias e ainda que os nativos das colônias os aceitassem pacificamente, acreditando que os franceses estariam levando o progresso, a civilização e o comércio.

Deutschland Kolonien Spiel



Autor	Desconhecido
Local	Alemanha
Publicação Original	Getty Museum (Los Angeles – EUA)
Data de publicação	1890

No tabuleiro do jogo *Deutschland Kolonien Spiel*, estão dispostas imagens com números de 1 a 53, que representam o trajeto do povo alemão, saindo de Hamburgo (número 1), a principal metrópole colonial, passando por todas as colônias da África e da Ásia até chegar na China (número 53). Essas pequenas imagens contém informações sobre as respectivas colônias retratadas e além delas, um mapa central compõe o tabuleiro, mostrando justamente o caminho feito pelos colonizadores e conseqüentemente, o caminho a ser seguido pelos jogadores.

Além de localizações e imagens, o jogo apresenta uma série de situações para que o jogador tenha noção e sinta que existem desafios no percurso da viagem, como a imagem número 5: *Seekrank* que pode ser entendido como enjoo por movimento, levando a interpretação de que seja um ponto ruim no tabuleiro.

Deutschland Kolonien Spiel reflete o interesse alemão em explorar e colonizar território durante o período colonial. A Alemanha, como uma nação relativamente tardia na colonização, estava buscando estabelecer sua presença e influência global e competir com o avanço britânico. O jogo, que foi produzido com o intuito de familiarizar as crianças logo cedo, de que o ato de colonizar, dominar e anexar territórios era comum dentro do país, serve como uma representação cultural e histórica desse período de expansão colonial, fornecendo a visão específica que a sociedade alemã possuía sobre os povos originários dos territórios localizados. O tabuleiro, assim como outras peças do jogo encontram-se no acervo digital do Getty Museum, no estado da Califórnia, nos EUA.

Capa do catálogo da Exposição Regional Filipina



Autor	: Exposição Regional Filipina
Local	Manila, Filipinas
Publicação Original	Biblioteca AECID (Governo Espanhol)
Data de publicação	1895

Esta imagem representa a capa do catálogo da Exposição Regional Filipina, produzido no mesmo ano em que o evento ocorreu, 1895, em Manila, capital filipina. As duas personagens centrais da imagem foram retiradas de uma pintura feita pelo artista espanhol *Juan Luna*, em 1894, intitulada *España y Filipinas*.

Nela a mulher que veste roupas simples de cor branca e azul representa a colônia filipina, abraçada com mulher que veste um elegante vestido com as cores vermelho e amarelo, tradicionais da bandeira do país, representando a Espanha, que aponta para frente, para o Sol, demonstrando um futuro brilhante. Elas estão posicionadas no final de uma fileira de degraus, fazendo referência ao longo caminho que já percorreram para alcançar o triunfo. Ao lado direito das duas mulheres, estão os brasões da Espanha e das Filipinas respectivamente, unidos por um laço que simboliza a união, junto com as informações sobre local, dia e ano da realização da exposição.

É nesse contexto do século XIX, que surgem as Exposições Mundiais a partir de 1851, em que as grandes potências organizavam pavilhões com a finalidade de expor para o mundo os bens e riquezas extraídos de suas colônias, sendo que uma das mais famosas foi a de Paris em 1889 que teve como grande evento a construção da Torre Eiffel, além de contar com a participação de um pavilhão brasileiro comandado por Dom Pedro II.

Contudo, a exposição em questão não foi de nível mundial uma vez que a ideia da Coroa Espanhola era expor especificamente objetos relacionados a arte, indústria e comércio da sua colônia nas Filipinas, como aparece escrito no canto esquerdo inferior da imagem. O catálogo completo digitalizado, encontra-se na Biblioteca da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID).

O DEVER DE CIVILIZAR

*Tomai o fardo do Homem Branco
Envia teus melhores filhos
Vão, condenem seus filhos ao exílio
Para servirem aos seus cativos;
Para esperar, com arreios
Com agitadores e selváticos
Seus cativos, servos obstinados,
Metade demônio, metade criança.*

Rudyard Kipling, 1899

O Fardo do Homem Branco ("The White Man's Burden")



Autor	Victor Gilliam
Local	Estados Unidos
Publicação Original	Jugde Magazine
Data de publicação	1899

Observa-se na imagem dois personagens brancos escalando uma montanha com uma série de indivíduos nas costas, indo em direção a uma estátua de ouro em que se brilha a palavra "civilization" ou civilização. Os dois

personagens brancos, representações do Tio Sam (dos EUA) e John Bull (da Inglaterra), são desenhados de forma esbelta e heroica, com expressões de cansaço, exaustão e sobrecarga. Por outro lado, os indivíduos que estão sendo carregados, representando países colonizados, são retratados de forma pejorativa, grotesca e caricata, com rostos deformados e volumosos.

Essa ilustração de Victor Gilliam foi publicada no final do século XIX pela revista *Judge Magazine*, em um contexto histórico marcado pelo imperialismo branco sobre outros continentes, como a África e a Ásia. Essa imagem foi inspirada em um poema de mesmo nome escrito por Rudyard Kipling, no qual apoiava e estimulava a expansão dos Estados Unidos sobre o Pacífico, mais especificamente nas Filipinas. Em outras palavras, ambas as obras sustentam e justificam o imperialismo branco sobre os países considerados "inferiores" e "bárbaros", sob a concepção de que é dever dos brancos civilizá-los e melhorá-los, sendo este o "fardo do homem branco".

Ao analisarmos a imagem de Victor Gilliam, podemos identificar várias configurações que evocam o conceito do "fardo do homem branco". Por exemplo, observa-se que os dois personagens brancos expressam exaustão e cansaço por terem que carregar os povos considerados "inferiores" até a luz da civilização no topo da montanha. Outro aspecto interessante na ilustração são as palavras gravadas nas pedras onde os colonizadores brancos estão pisando, as quais denotam as supostas características atribuídas aos países "bárbaros", como ignorância, opressão, brutalidade, canibalismo, entre outras. É evidente que essa charge representa as colônias de forma negativa e as metrópoles de forma positiva, interpretando as colônias como "objetos" que devem ser explorados e controlados politicamente pelos países "superiores" para que se viabilize seu progresso.

FOME E PESTE

O número de mortos nessas ondas de seca (1876-1879; 1889-1891 1896-1902), fome e doença certamente passa dos 30 milhões. Cinquenta milhões de mortos talvez não seja um número irrealista.

Os impérios europeus, mais o Japão e os Estados Unidos, predatoriamente, exploraram a oportunidade para conquistar novas colônias, expropriar terras comunais e obter novas fontes de produtos agrícolas e minérios. O que sob uma perspectiva metropolitana pareciam ser os últimos raios da glória imperial do século XIX, do ponto de vista asiático ou africano era apenas o clarão hediondo de uma gigantesca pira funerária.

Mike Davis. *Holocaustos coloniais*. São Paulo: Veneta, 2022, p.6.

Como os colonizadores britânicos causaram fome em Bengala



Autor	Desconhecido
Local	Reino Unido
Publicação Original	<i>New Internalist: The World Unspun</i>
Data de publicação	Janeiro de 2021

Na imagem, é possível perceber a representação dos continentes africano e asiático, transformado em um tabuleiro de xadrez, com apenas duas peças: um rei representando Winston Churchill e um cavalo representando John Maynard Keynes. Ambos estão localizados sob a Índia no tabuleiro. Ao redor deles, estão alguns peões caídos, que representam a população daqueles territórios.

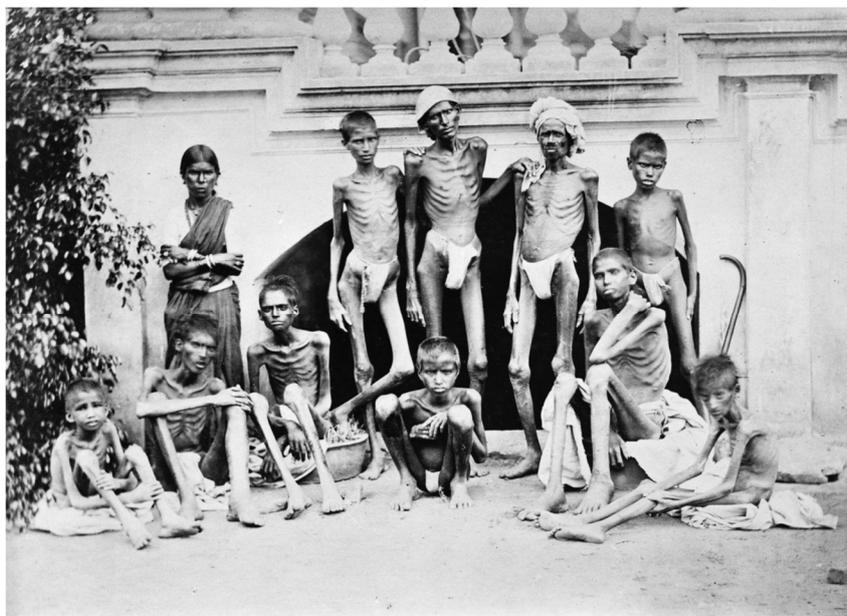
Quando observamos as características supracitadas, é possível fazermos uma série de observações, como por exemplo: o tabuleiro de xadrez representa o jogo de poder entre as nações, com a Índia como um peão no jogo imperial. A figura do rei, símbolo do poder imperial, demonstra a dominação britânica sobre esse território. A fome de Bengala é representada pela posição das peças sobre a Índia, simbolizando os crimes sofridos pela população indiana. Por último, o cavalo, representado por Keynes, nos possibilita diversas perspectivas pois tem sua história marcada por “contradições”, por caminhar para lados opostos, algo similar ao movimento do cavalo no xadrez.

Churchill, como rei do tabuleiro, representa a lógica imperialista que coloca o poder e o controle acima da vida humana. Sua política durante a fome de Bengala, que resultou na morte de milhões de pessoas, é um exemplo cruel dessa lógica. Keynes, como cavalo, representa sua participação no jogo político britânico, embora seus pensamentos possam ir de encontro aos interesses do governo, fazendo que ele assim caminhe para diferentes formas, mas ainda sem deixar de fazer parte do grande “jogo” que era o imperialismo. A charge nos convida a refletir sobre as falhas do imperialismo, suas raízes na ganância e no poder, e suas consequências trágicas para os povos colonizados.

Milhões morreram, não fora do “sistema do mundo moderno”, mas justamente no processo de serem incorporados à força nas suas estruturas econômicas e políticas. Eles morreram na era de ouro do capitalismo liberal, na verdade, muitos foram assassinados (...) pela aplicação teológica dos princípios sagrados de Smith, Bentham e Mill.

Mike Davis. *Holocaustos coloniais*. São Paulo: Veneta, 2022, p.8.

Genocídio da Fome no Raj Britânico



Autor	Willoughby Wallace Hooper
Local	Índia
Publicação Original	Fotografia de uma cópia pessoal de uma publicação com direitos autorais expirados.
Data de publicação	1876-1879

A fotografia, tirada em Chennai, antigamente chamada Madras, é a capital do estado indiano de Tamil Nadu, no sul da Índia, umas das regiões mais afetadas pelo genocídio da fome, retrata uma família imersa na tragédia da fome, refletindo o desespero e a angústia que permeavam a sociedade indiana naquele

momento. A estimativa de mortes relatada indica números chocantes de 10,3 milhões e 8,2 milhões, destacando a escala massiva do sofrimento humano durante essa crise.

A expressão facial e a postura corporal dos membros da família na fotografia podem transmitir a devastação causada pela fome, enquanto os olhares vazios e as condições físicas debilitadas podem ilustrar a luta constante pela sobrevivência. A imagem captura a desintegração das estruturas familiares e sociais, evidenciando como a pobreza, a miséria e as doenças resultantes da fome tiveram um impacto avassalador nas comunidades.

A fome não apenas resultou em uma crise imediata de escassez de alimentos, mas também teve consequências a longo prazo. Famílias foram despedaçadas, comunidades foram desestruturadas, e o trauma persistiu, evidenciado pelo aumento de suicídios de agricultores e atos extremos de pais para garantir a sobrevivência de seus filhos.

Garota Hindú morta na beira da estrada



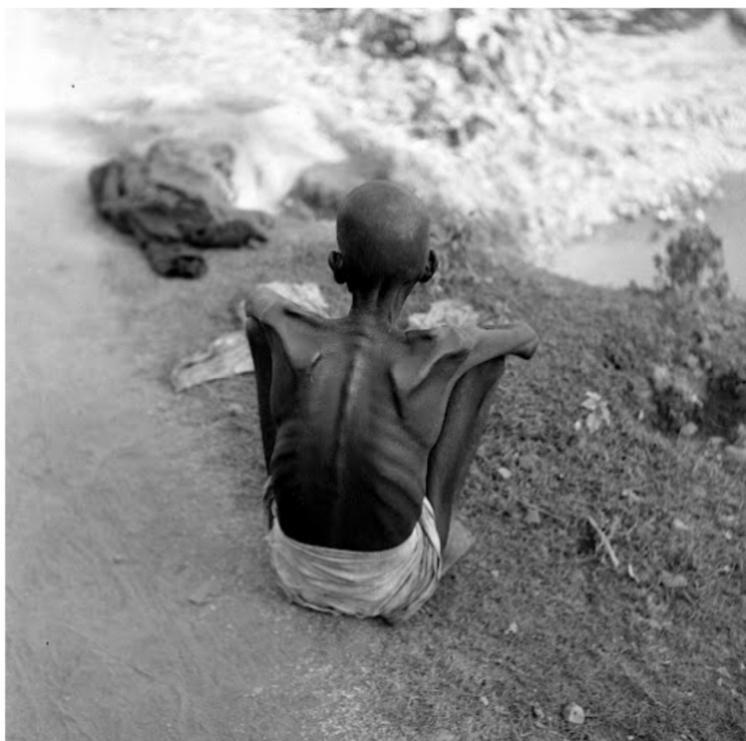
Autor	Willian Vandivert
Local	Índia
Publicação Original	Life Magazine
Data de publicação	1943

A imagem mostra uma garota hindú morta por desnutrição, à beira da estrada em Bengal, na Índia, o ano é 1943 e a fome assola a região dominada pelo Império Britânico. A criança está com as costelas aparecendo sob a pele, deixando claro a causa da morte, a fome, o único tecido aparente é um pano que cobre parte de seu corpo estirado sobre o gramado, os olhos ainda abertos mas sem vida.

Com a derrota durante a segunda guerra mundial da Inglaterra para o Japão na disputa pela Birmânia, um dos principais fornecedores de alimentos, a Coroa Britânica destinou as reservas de alimentos para os seus soldados, fazendo assim uma clara escolha política, priorizando a vida de seus soldados em detrimento da morte pela fome de cerca de 3 milhões de bengaleses. Tamanha era a desnutrição e a miséria que se encontravam cadáveres espalhados pelas ruas de Bengal, muitas vezes cercados por abutres. Além da fome, várias doenças provenientes da desnutrição e do contato com os corpos doentes dos mortos contribuíram para o aumento do número de vítimas do imperialismo britânico.

A imagem escolhida foi publicada em uma reportagem da revista americana Life Magazine, em dezembro de 1943, intitulada "Famine in India" e representa a situação em que milhares de bengaleses foram expostos devido às políticas adotadas pelo governo inglês. A fotografia mostra a partir da posição em que a criança se encontra, com os braços curvados e os olhos abertos, a falta de energia em seus últimos momentos e a vida brevemente interrompida pela falta do bem mais básico e precioso, o alimento, seus ossos a vista são como uma ferida aberta que não sangra, mas que deixou marcas profundas em toda uma sociedade que financiou com a vida a guerra de outros.

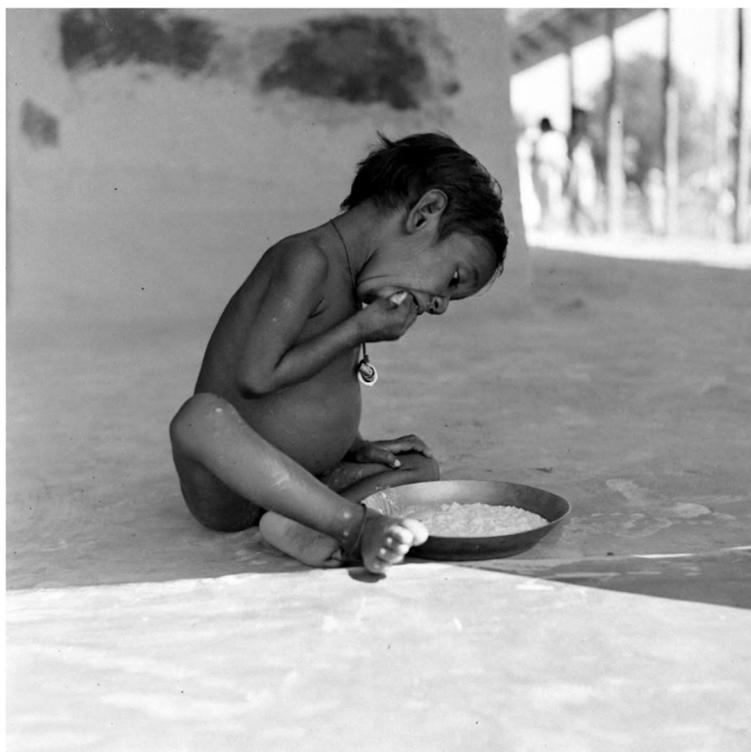
Fome em Calcutá e em Bengala



Autor	William Vandivert
Local	Índia
Publicação Original	Life Magazine
Data de publicação	1943

A fotografia representa um ser humano com claros sinais de desnutrição e fome, o ambiente em que esse ele se encontra reflete a pobreza daquele lugar, o chão é de terra, a paisagem parece ser bem precária, talvez uma zona mais periférica da cidade. Suas vestimentas são simples, apenas um tecido cobrindo as partes mais íntimas de seu corpo. Voltando a atenção a figura humana, ela apresenta um corpo extremamente magro e desnutrido, seus ossos estão todos aparentes e sua aparência é de uma pessoa envelhecida. Esse aspecto se deve às condições de vida a que esse ser humano foi submetido, que vão além da fome e a desnutrição, como a jornada de trabalho intensa da população indiana nesse período. Na fotografia, mesmo não conseguindo ver o rosto da pessoa, é nítido sua tristeza e sua solidão. A melancolia se faz presente na imagem.

Fome em Calcutá e em Bengala



Autor	William Vandivert
Local	Índia
Publicação Original	Life Magazine
Data de publicação	1943

A fotografia acima, é a representação de um menino, ainda criança, se alimentando de um caldo de arroz engrossado com amido. A criança da fotografia se alimenta no chão e apresenta uma barriga inchada, sintoma comum de vermes e desnutrição, doenças de grande incidência em locais onde a população está desnutrida e por consequência com baixa imunidade. Ademais, é possível observar o desespero do menino por alguma fonte de alimento, na fotografia a criança se apresenta sem vestes, somente com um colar, o que, em conjunto com outros aspectos da fotografia, representa com assertividade a fome e pobreza passada por esse país sob a decisão exploratória da Inglaterra. O fato de a fotografia também ser referente a uma criança mostra que nem ao menos os setores mais vulneráveis, como crianças, mulheres e idosos conseguiram ser atendidos e supridos pelo Estado.

Fome em Calcutá e em Bengala



Autor	William Vandivert
Local	Índia
Publicação Original	Life Magazine
Data de publicação	1943

Como podemos analisar na imagem selecionada, é possível evidenciar a figura de dois homens, em diferentes idades da vida, uma criança e uma pessoa adulta, ambos estão vestidos apenas com uma tecido na parte inferior do corpo, o que deixa em amostra os sinais de desnutrição desses corpos, como exemplo dos ossos das costas do homem mais velho estarem saltados para fora do corpo, o mesmo que, está apoiado em uma espécie de ‘cabo de madeira’, provavelmente como ferramenta que possibilite uma melhor locomoção entre os espaços, evidenciando a falta de força e vitalidade causadas pela fome. A figura infantil da imagem, também apresenta sinais claros de desnutrição, como a dimensão do braço do menino, que aparenta ser mais fino que o normal, esse que carrega consigo uma ‘trouxa de tecido.

Apesar da distinção etária dos indivíduos representados, não podemos afirmar com certeza qual a idade correspondente, visto que, uma das

consequências de uma falta de alimentação está no envelhecimento precoce e na dificuldade de desenvolvimento do corpo infantil. O aspecto que mais chamou nossa atenção na obra, diz respeito às duas figuras encarando o horizonte, o qual é caracterizado por uma vegetação seca e aparentemente sem vida, o que serve como evidência do descaso governo britânico com a situação de extrema falta de alimentos na região de Bengala, na Índia, como foi descrito anteriormente.

Servo indiano servindo chá a uma mulher inglesa



Autor	Underwood & Underwood/Corbis
Local	Índia
Publicação Original	Desconhecida
Data de publicação	Provavelmente entre 1910 e 1930.

A fotografia mostra um serviçal hindu servindo chá a uma senhora britânica no início do século XX, apresenta ao fundo uma grande construção como se fosse uma mansão, de tonalidade branca, algumas cadeiras e plantas em sua área interna. O que chama atenção na imagem é a existência de uma dicotomia entre dois mundos diferentes. De um lado temos, uma inglesa de expressão sorridente, sentada, com roupas e acessórios pessoais originários de seu território, com seu chá que está sobreposto a mesa, apoiado com a mão

esquerda e na mão direita a inglesa está agarrando algum alimento, assim, sendo retratada em uma posição de poder, detentora de uma classe social abastada.

A frente está o serviçal, com expressão facial séria, de roupas característica de seu povo, com uma bandeja, servindo a senhora européia de classe alta, e que tem a finalidade de garantir a assistência necessária de seu trabalho. Deste modo, a presença destas duas pessoas da fotografia apresenta de um lado o imperialismo britânico e seu descaso com a população indiana e do outro a presença do hindu que precisa conviver com a injustiça e o poderio dos colonizadores em seu território.

A imagem foi produzida pela produtora e distribuidora Underwood & Underwood, empresa americana que encerrou suas atividades na década de 40 do século XX e suas fotos se encontram em domínio público. A fotografia foi utilizada como capa do livro “Women of the Raj” da historiadora canadense Margaret Macmillan, que trata da história das mulheres que se mudaram para a Índia para acompanhar seus esposos que estavam a serviço da coroa britânica. A imagem, quando colocada em seu contexto histórico, denota a contradição presente no imperialismo, onde uma senhora inglesa é servida por um hindu enquanto diversos hindus são submetidos a inúmeras crises de fome durante o controle do país pelo governo inglês. A imagem é assim um retrato simbólico de um processo histórico muito mais amplo, é através da servidão e da fome imposta aos indianos que os ingleses se alimentam.

Quando o papel desempenhado pelo império britânico no século XIX for considerado pelo historiador daqui a cinquenta anos, as mortes desnecessárias de milhões de indianos serão seu principal e mais notório monumento.

William Digby. Prosperous: British India: a revelation from official records. Londres, 1901, p. 122.

Três Coolies, Hong Kong



Autor	Lai Afong
Local	Hong Kong
Publicação Original	Encomendada por famílias ricas chinesas
Data de publicação	Final da década de 1880

A imagem "Três Coolies de Hong Kong" foi capturada pelo fotógrafo Lai Afong em um estúdio, sendo essas encomendadas por famílias ricas chinesas que buscavam disseminar a importância dos trabalhadores de porto para o crescimento do império. Esses homens estão posando para foto que representa três trabalhadores chineses (coolies) em Hong Kong. A composição destaca aspectos da vida cotidiana ou do trabalho na época, fornecendo informações sobre a cultura e a sociedade de Hong Kong durante o final da década de 1880, período em que a fotografia foi tirada. Esses "coolies" demonstram cansaço e desânimo através de suas expressões, essas expressões faciais e a postura deles transmitem uma variedade de emoções e informações sobre suas vidas e condições de trabalho.

Os "coolies" eram trabalhadores contratados, frequentemente vindos da China e de outras partes da Ásia, para desempenhar uma variedade de trabalhos braçais e servis com condições difíceis, salários baixos, e discriminações sociais, em Hong Kong durante o século XIX e início do século XX. Em Hong Kong,

especialmente durante o período colonial britânico, os "coolies" desempenhavam um papel essencial para economia, ajudando a impulsionar o crescimento industrial e a infraestrutura da região.

Ao longo do tempo, o termo "coolie" adquiriu conotações negativas porque era associado à exploração e ao tratamento injusto dos trabalhadores contratados. No entanto, é importante reconhecer a contribuição significativa que os coolies fizeram para o desenvolvimento econômico de Hong Kong e de outras regiões onde trabalharam. Portanto, a imagem dos coolies em Hong Kong capturada por Lai Afong pode oferecer um vislumbre das realidades sociais, econômicas e culturais da época, incluindo questões como migração, trabalho braçal, colonialismo e desigualdades sociais.

Criança congoleza exposta na Expo'58 em Bruxelas – Bélgica



Autor	Desconhecido
Local	Bruxelas, Bélgica
Publicação Original	Desconhecida
Data de publicação	1958

A fotografia mostra uma criança congolese em uma exposição, enquanto uma mulher branca lhe dá comida de fora da cerca, enquanto uma multidão de pessoas assiste. Essa exposição foi chamada de “Expo 58”, que foi realizada na Bélgica no ano de 1958, dois anos antes do Congo se tornar independente. O Congo foi propriedade particular do Rei Leopoldo II, até o ano de 1908, onde a partir daí o país passou a ser parte da Bélgica, como uma colônia, e isso ocorreu por pressão dos outros países Europeus, que não gostavam do fato de ser um “terreno particular”. Isso se manteve até o ano de 1960, quando houve a independência do Congo.

Particularmente o rei chegou a lucrar mais de 1 bilhão de dólares, equivalentes a 220 milhões de francos na época, ele usou esse dinheiro para a modernização da Bélgica, o que fez Leopoldo II ficar conhecido como “o construtor”. A Bélgica nos dias atuais se gaba por ser um país pacífico, porém até hoje a Bélgica não pediu desculpas e nem se mostra responsável pelo que ocorreu no Congo.

Esse tipo de exposição existiu principalmente na Europa, mas também em outras partes do mundo, sendo o último esse de 1958. Essas exposições eram muito comuns e nos remete ao racismo estrutural e a maneira que as potências imperialistas, principalmente europeus e norte-americanos, não utilizam apenas a natureza ao seu bel-prazer, mas também a vida de outros seres humanos, em nome do progresso e da ordem.

Essa exposição era uma forma de representação de uma aldeia do Congo. Nessa exposição os visitantes interagiam com as pessoas congolezas que estavam sendo expostas e até davam comida, algo muito semelhante a um zoológico, que por um tempo foi de fato chamado assim, zoológicos humanos. A permissão de interação com os congolezes, levava aqueles que assistiam a jogar doces e outros alimentos que com o tempo resultaram em doenças aos expostos.

Esse pensamento nos leva a ideia de que essas exposições, principalmente essa foto em específico, passam uma imagem com

intencionalidade, onde além do estilo de vida, implica em preconceitos e estereótipos, como por exemplo o da fome, mostrar que eles não tinham o de comer e assim jogar comidas (todos tipos de comida). Isso nos leva a entender que a não era apenas uma exposição, era inferiorizar o africano a estereótipos (como a fome e a barbárie desses povos) que em países mais conservadores duram até hoje.

Essa exploração explícita só terminou no ano de 1960 com a independência do Congo, porém essa foto é a marca de uma Europa que sempre se diz “levar civilização e humanização” no fim é sempre interesse próprio, em nome do “lucro e avanço” de sua sociedade e para isso desumanizam o resto do mundo.

GUERRA

Batalha de Jiuliancheng, na Manchúria. (De aanval op Jiuliancheng in Mantsjoerije.



Autor	Nakamura Shûkô
Local	Japão
Publicação Original	RijksMuseum (Amsterdã, Países Baixos)
Data de publicação	1894

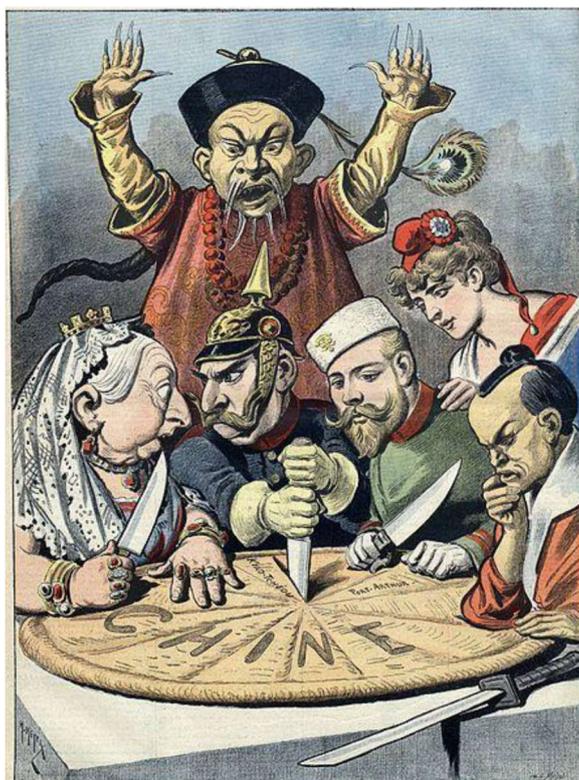
A imagem retrata a batalha de Jiuliancheng (1894), durante a Primeira Guerra Sino-Japonesa, região localizada na Manchúria, na fronteira entre China e Coréia. Este episódio está relacionado a Era Meiji, responsável por proporcionar grande avanço econômico, bélico e territorial ao Japão.

Ao fundo da pintura produzida pelo artista japonês Nakamura Shûkô, observamos duas montanhas; logo abaixo, diversos soldados japoneses adentrando no campo de batalha; no canto superior direito uma construção de arquitetura chinesa, simbolizando o local do evento. Ao centro da obra, a batalha de Jiuliancheng sendo travada; a figura mais chamativa é um militar japonês, que está montado em um cavalo tentando golpear tropas chinesas que estão no solo. A direita da imagem, vários soldados chineses e japoneses estão batalhando. No chão, podemos notar algumas armas.

Também faz-se possível apontar a diferença de vestimenta. Os uniformes dos soldados japoneses são mais padronizados, parecidos com de militares de grandes potências. Do outro lado, não há um padrão entre os chineses, tendo algumas partes de suas vestimentas parecidas e outras não. Os japoneses também demonstram superioridade bélica, justamente por estarem com armas de fogo, equipamento que não são notados em posse chinesa.

Na extremidade esquerda da pintura, é possível observar a bandeira japonesa, na extremidade direita, é possível observar a bandeira chinesa, assim, ambas estão servindo como identificação para a posição de seus respectivos exércitos. Atualmente, a pintura de Nakamura Shûkô pertence ao RijksMuseum, em Amsterdã, nos Países Baixos.

China – o bolo dos reis



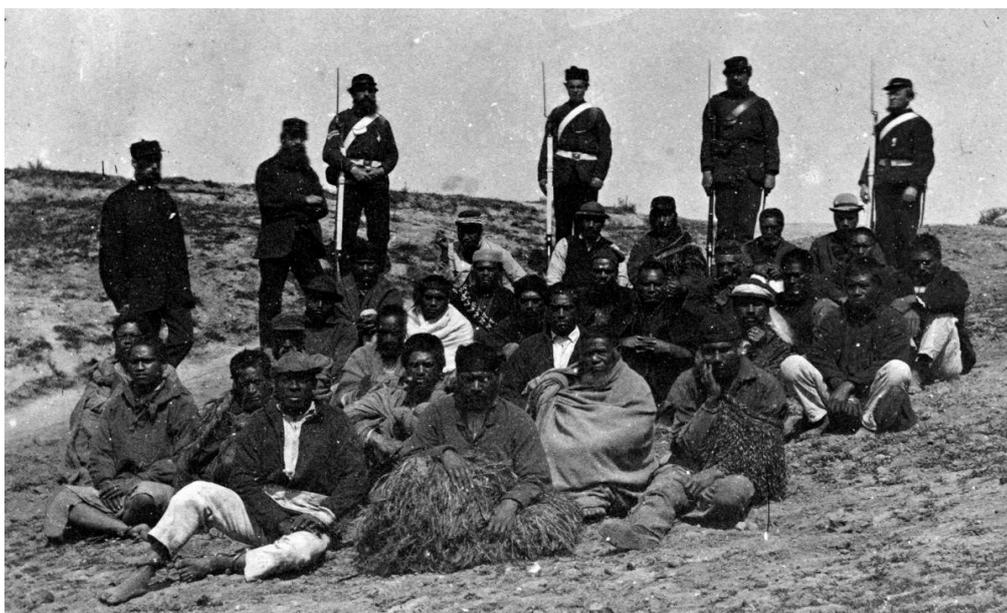
Autor	Henri Meyer
Local	Paris
Publicação Original	pelo Le Petit Journal
Data de publicação	1898

Publicada pelo Le Petit Journal, a charge retrata a corrida imperialista na China durante o século XIX. Por meio do nacionalismo exacerbado e da crescente industrialização, potências mundiais buscavam por mais matéria-prima e investimentos excedentes em outros continentes. Na ilustração, vemos os representantes das potências imperialistas repartindo um bolo em que está escrito "China", simbolizando a divisão e exploração do país asiático. Sentados à mesa, da direita para a esquerda, estão o Imperador Mutsuhito do Japão com uma espada, o Czar Nicolau II da Rússia, o Kaiser Guilherme II da Alemanha e a Rainha Vitória da Inglaterra disputando os "pedaços" com facas. Logo atrás do Czar Nicolau II, está a França representada por Mariane, apenas observando, enquanto ao fundo, a China se mostra completamente impotente diante da situação.

É importante observar a posição estratégica da Mariane atrás do Czar Nicolau II na charge, ela não apenas enfatiza a Aliança Franco-Russa (1894), mas também simboliza uma cooperação entre essas nações em face de interesses comuns e ameaças compartilhadas, particularmente a expansão alemã. Ressaltando que, a Alemanha não tinha colônias na China nesse período histórico. A forma como estão sendo retratados reflete não só a colaboração diplomática entre França e Rússia, mas também a rivalidade franco-alemã decorrente da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871).

Essa política expansionista desencadeou duas guerras significativas: a Guerra do Ópio (1839 e 1860), na qual a China, em desvantagem, foi forçada a assinar o Tratado de Nanquim, cedendo territórios e concedendo privilégios comerciais à Inglaterra; e a Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), na qual a China sofreu outra derrota, resultando na perda da Península da Coreia e em pesadas indenizações ao Japão. Essa imagem representa a essência da competição acirrada e da ganância imperialista que caracterizaram o período.

Prisioneiros Pai Māire



Autor	George H. Swan, James D. Wrigglesworth
Local	Napier, Nova Zelândia
Publicação Original	MGT Hawke's Bay (Nova Zelândia)
Data de publicação	1865

Na fotografia tirada por Swan e Wrigglesworth, um grupo de 29 prisioneiros *Māori Pai Māire* está sentado em uma colina inclinada, enquanto 8 soldados de milícias coloniais, armados com rifles e baionetas estão posicionadas atrás deles, em pé. Estes prisioneiros, sob o domínio do Império Britânico, estão sendo fotografados na costa de Napier, prontos para serem enviados para uma das duas prisões imperiais globais no Hemisfério Sul.

Os *Pai Māire*, que não eram reconhecidos como cidadãos neozelandeses foram um desmembramento da religião *Māori* e tinham como objetivo resistir tanto a dominação britânica quanto ao próprio governo neozelandês. Eles combatiam principalmente a ideia dos britânicos de cristianizar e salvar a alma de todos os povos originários de suas colônias, assim como a ideia de tomar todas as terras pertencentes a eles.

Esses povos foram considerados criminosos pelas autoridades coloniais por sua resistência, especialmente após a Lei de Liquidação da Nova Zelândia de 1863,

que legalizou o confisco das terras Māori. Em 1865, justamente por oferecer resistência, muitos foram presos e enviados para fora de suas terras como rebeldes. Atualmente, o *Museum Theatre and Gallery Hawke's Bay Tai Ahuriri*, localizado em *Napier* na Nova Zelândia conta com um vasto acervo sobre a história dos *Māori*.

Mulheres e crianças Boer em um campo de concentração



Autor	Fotógrafos Britânicos
Local	África do Sul
Publicação Original	National Army Museum
Data de publicação	1901

A fotografia *Boer women and children at a concentration camp*, faz parte da coleção de outras 107 fotos, realizadas por fotógrafos ingleses, sobre os campos de concentração britânicos na África do Sul, para mulheres e crianças, durante a Segunda Guerra dos bôeres em 1901. Por conseguinte, estas fotos foram coletadas por Agnes Hill, da *Royal British Nursing Association*, e pelo engenheiro civil, Charles Francis O'Brien, e encaminhadas para o *National Army Museum*, em Londres.

A imagem apresentada refere-se a um hospital, que se encontrava dentro dos campos de concentração, este em específico era um campo de concentração para crianças e mulheres brancas, nos quais aparecem na foto ao

redor do hospital, aparentemente, esperando serem atendidas pela unidade de saúde. Estes campos foram construídos como uma estratégia de guerra, por parte dos britânicos, objetivando o enfraquecimento da resistência bôer, ao raptarem e internarem crianças e mulheres bôeres em campos de concentração.

Dentro dos campos, as mulheres e crianças sofreram diversos tipos de violência, dentre eles a privação de alimentos, resultando em milhares de mortes. Os bôeres eram colonos de origem holandesa e francesa, que habitavam o território desde 1830, no entanto, a descoberta de diamantes e ouro em sua terra em 1890, levou o desejo dos britânicos de estenderem o seu Império e dominarem o território.

Foto de Lizzye Van zyl



Autor	Emily Hobhouse
Local	Bloemfontein, África do Sul
Publicação Original	Desconhecida
Data de publicação	1901

A segunda guerra bôer, travada entre 1900 e 1902, foi um conflito militar entre o império britânico e a população nativa Bôer. Motivados pela descoberta de ouro, diversos imigrantes britânicos se deslocaram na região de Witwatersrand em busca de oportunidades de enriquecimento com extração do minério, ao longo de sua estadia tais imigrantes passaram a exigir representação política local. Entretanto, a população originária bôer não reconhecia a participação política dos imigrantes como positiva, considerando que os colonos não possuíam intenções pacíficas, positivas para as populações locais, razão pela qual conflitos armados escalaram, atingindo eventualmente a escala de uma guerra tradicional. Apesar dos bôeres ao longo da guerra se demonstrarem oponentes formidáveis, a capacidade de mobilização militar do império britânico era muito superior a bôer. Deste modo, os rebeldes bôeres engajaram uma campanha de guerrilha, capaz de conter as tropas britânicas.

Com o decorrer do conflito, os britânicos passaram a confinar civis da etnia bôer em campos de concentração com condições deploráveis, na intenção de que os rebeldes se entregassem para poupar suas famílias da fome e da violência. As atrocidades cometidas pelo império britânico foram tamanhas que a opinião pública britânica sobre o conflito se tornou negativa ainda durante os acontecimentos.

Lizzye Van Zyl foi um dos civis que perderam suas vidas em campos de concentração. Presa como objeto de barganha para a rendição de seu pai, a menina de apenas sete anos faleceu de febre tifoide agravada por desnutrição extrema. A fotografia tirada por uma enfermeira britânica, mostrando a menina em estado terminal de tifo e desnutrição em seu leito no campo de concentração, o olhar penetrante e angustiante da menina, evidencia as emoções da foto. Foi uma das imagens que circularam à época, ajudando a moldar a opinião pública negativa a respeito do conflito.

Suspeitos quenianos de Mau Mau em um campo de detenção britânico em 1953



Autor	Fotógrafos Britânicos
Local	Quênia
Publicação Original	Desconhecida
Data de publicação	1953

Os fotógrafos britânicos em 1953 registravam fotos dos detentos quenianos, considerados pela coroa suspeitos das mortes de colonos britânicos. A intenção era disseminar que as consequências a eles impostas eram a forma que a coroa encontrou de civilizá-los e, isso eram evidenciados pelos campos de trabalhos forçados. Esse fato iniciou-se em 1952 quando a Rainha Elizabeth II assumiu o trono e, por consequência dos levantes que estavam acontecendo, a Rainha criou os campos de trabalhos forçados com intuito de transformar o grupo Mau Mau em cidadãos honestos. No entanto, os grupos subalternos já vinham premeditando uma insurreição para conquistar a independência do Quênia.

Dessa forma, os grupos seriam civilizados, e prontos para seguir as ordens superiores advindas da coroa britânica. Portanto, a imagem é uma representação de poder, de superioridade, enquanto, os policiais estão em pé, os quenianos estão embaixo. Muitos desses homens foram mortos por espancamento e, pelas más condições de vida que a eles eram concedidas.

Os campos de trabalho forneciam para a coroa mão de obra gratuita, e obras como o aeroporto foram construídas justamente com o trabalho forçado dos quenianos.

Os Mau Mau, no entanto, em 1956 foram capturados logo após a morte do seu Líder Dedã Kimathi. Porém, em 1963 tiveram a sua tão sonhada liberdade e conquistando. O grupo Mau Mau, teve sua criação por volta de 1950 com a sigla KLFA (O exército por terra e liberdade do Quênia). Mas anterior a isso outros movimentos tiveram grande impacto para a coroa, como a Resistência Nandi (1895-1905); Revolta de Giriama (1913-1914) entre outras. Todas essas revoltas foram suprimidas pelo governo inglês. Os crimes cometidos pelo governo imperialismo britânico, mataram homens, incluindo mulheres e crianças. As torturas variam desde corte de orelhas, perfurações nos tímpanos, derramamento de parafina nos corpos, até a castração e espancamento levando à morte.

Portanto, a fotografia apresentada nos possibilita entender os fatos e como até hoje ainda as consequências do imperialismo e colonialismo estão intrínsecas ao nosso meio, sobretudo na fragilidade política e econômica dos países que estiveram por tempos nas mãos do imperialismo britânico.

Valeria a pena estudar (...) os passos de Hitler e do hitlerismo e revelar ao burguês muito distinto, muito humanista e muito cristão do século XX que ele carrega consigo um Hitler sem saber, que Hitler vive nele, que Hitler é seu demônio, que se ele o vitupera, é por falta de lógica e, no fundo, que ele não perdoa em Hitler não é o crime em si, o crime contra o homem, não é a humilhação do homem em si, é o crime contra o homem branco, é a humilhação do homem branco, é de haver aplicado à Europa os procedimentos colonialistas que atingiam até então apenas os árabes da Argélia os coolies da Índia e os negros da África. E é essa acusação que eu dirijo ao pseudo-humanismo: ter por muito tempo reduzido os direitos humanos, ter ainda uma concepção estreita e fragmentada deles, parcial e tendenciosa e, considerando tudo, sordidamente racista.

Aimé Césaire. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020, p 18.

REFERÊNCIAS

AMATTI, Flávio. O que nunca te ensinaram nas escolas sobre o Império Britânico. in **Arqueo História**. Acesso em 20/03/24. Disponível em: www.arqueohistoria.com.br.

Arquivo da revista LIFE. Disponível em: <https://www.ebsco.com/pt/produtos/revista-arquivoslife-magazine-archive>.- Acesso em 20 de março de 2024.

A Union in the Interest of Humanity - Civilization - Freedom and Peace for All Time. **United States Great Britain**, ca. 1898. Photograph. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/99472459/>.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

Comité Dupleix. **Notre oeuvre: son passé et son avenir**, 1898. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7630931b>

DASCHNER, George. **French Colonies**: cover of na exercise book Illustrated. 1900. Disponível em: <https://www.bridgemanimages.com/fr/dascher/french-colonies-cover-of-an-exercisebook-illustrated-by-g-dascher-1900-colour-litho/colour-lithograph/asset/157431>

DAVIS, Mike; **Holocaustos Coloniais**; Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro. Record, 2002.

DOWER, John; MIYAGAMA, Shigeru. **Civilization & Barbarism**. Visualizing Cultures at the Massachusetts Institute of Technology. Disponível em: https://visualizingcultures.mit.edu/civilization_and_barbarism/cb_essay02.html

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Lisboa. Editora Ulisseia, 1965.

Fome de 1943 em Bengala. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/fome-de-1943-embengala/m0502hy?hl=pt-BR>. Acesso em 22 de fevereiro de 2024.

KOSSOY, Boris. **Fotografias & História** - 4 ed. - São Paulo. Ateliê Editorial, 2012.179 p.

Le Journal. 2/5/1930. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7630931b>

National army museum. **Boer war.** Disponível em: <https://www.nam.ac.uk/explore/boer-war>. Acesso em: 20/03/2004

MEYER, Henri. (1898). China - the Cake of Kings, Full Title: En Chine – Le Gateau des Rois... et des Empereurs. In **China - the Cake of Kings... and of Emperors.** Disponível em: https://library.artstor.org/asset/SS36044_36044_23459550

MILMO, Cahal. Revolta de Mau Mau: quenianos que ainda esperam por justiça se juntam à ação coletiva sobre o papel do Reino Unido na emergência. **Independent**, 23 de nov de 2014. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/africa/mau-mau-uprising-kenyans-still-waiting-for-justice-join-class-action-over-britain-s-role-in-the-emergency-9877808.html>. Acesso em: 20 de março de 2024.

PINCELLI, Renato. Memória fotográfica: Lai Afong. **Hipercubic**, 17 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/hipercubic/2020/08/memoria-fotografica-lai-afong/>. Acesso em: 19 de março de 2024.

PISANESCHI, Lucilene Schunck; BAUER, Carlos; FREITA, Viviane. Fotografia como fonte histórica: desafios postos à historiografia contemporânea. XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. In: **História, desigualdades e diferenças**, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisa.br/index.php/veredas/article/view/268>. Acesso em: 19 de março de 2024.

RALLA, Lucas. **Genocídios seletivamente esquecidos: Winston Churchill e a Fome de Bengala**. Disponível em: <https://historiaislamica.com/pt/genocidios-seletivamente-esquecidos-winston-churchill-e-afome-de-bengala/>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2024.

SILVA, Kalina. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2005.

The Ohio State University Billy Ireland Cartoon Library & Museum.

VALBERT, G. **LES COLONS FRANÇAIS ET LE COMITÉ DUPLEIX**. *Revue Des Deux Mondes* (1829-1971), vol. 135, no. 3, 1896, pp. 696–707. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44761978>. Acesso 20 Mar. 2024.

WHITFIELD, Peter. **The Image of the World: 20 Century of World Maps**. London: British Library, 2010.